tecnologias, que desafia o professor a rever e a ampliar seu conhecimento a todo instante. Assim, ele percebe que não é mais a única fonte de conhecimento para os alunos, estando a compartilhar as diferentes informações e experiências vividas para a construção de novos conceitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Aline França. Gestão de Informações ou gestão do conhecimento? In: XIX Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, - CBBD 2000. Porto Alegre.

ANTUNES, Celso. Jogos para estimulação das múltiplas inteligências. São Paulo: Vozes, 2002.

BEAL, Adriana. Gestão estratégica da informação. São Paulo: Atlas, 2004.

DELORS, J., Educação um Tesouro a Descobrir. São Paulo. Cortez; 2001.

DOWBOR, Ladislau, os desafios da Comunicação. RJ-Petrópolis: Vozes, 2005.

FERREIRA, Nilze Maria Campos. Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2006.

FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. Medo e ousadia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

GADOTTI, Moacir. Autonomia como estratégia da qualidade e a nova organização do trabalho na escola. Petrópolis: Vozes, 2005.

KENSKI, Vani. Tecnologia e educação. São Paulo: EDUSF, 2000.

LAMPERT, Ernani. As interfaces entre a Internet e a Educação. In: Tecnologia Educacional – Anos XXXXXXI Números 159/160, p. 43-55.

LANDIM, Cláudia Maria das Mercês Paes Ferreira. Educação à Distância: algumas considerações. Rio de Janeiro, 1997.

LOBO NETO, Francisco José da Silveira. A filosofia do ensino à distância e seu papel social. Niterói: Centro Educacional de Niterói, 1998.

MANÃS, Antônio Vico. Administração de sistemas de informação. São Paulo: Érica, 1999.

MENEZES NETO, Edson Leal. Computador e Escola: a ótica do aluno. São Cristóvão, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação).

MORAES, Dênis de – Planeta Mídia: tendências da comunicação na era global. São Paulo: Campo Grande: Letra Livre, 2004.

OLIVEIRA, João Batista Araújo (Org.) Perspectivas da tecnologia educacional. São Paulo: Pioneira, 2005.

PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. São Paulo: Artes Médicas, 2003.

RODRIGUES, W. Manual de criação e elaboração de materiais para a educação à distância. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

SILVA, Carmem. Educação à distância. Guia Brasileiro de Educação à Distância. São Paulo: Editora Esfera, 2005.

TAJRA, Sammya Feitosa. Informática na educação: novas ferramentas pedagógicas para o professor da atualidade. São Paulo: Ática, 2000.

VALENTE, J. A. Informática na educação: do livro ao software. Florianópolis: ENDIPE, 2005.

VARGAS, Milton. História da ciência e da tecnologia no Brasil: uma súmula. Disponível em: http://pt.scribd.com/doc/6795025/Milton-Vargas-Historia-Da-Ciencia-e-Da-Tecnologia-NoBrasil-Uma-Sumula.

O TRABALHO DO PSICOPEDAGOGO NA EDUCAÇÃO

DANILO RODRIGUES INACIO

RESUMO

O papel da psicopedagogia nas instituições de ensino, como sua atuação pode contribuir no domínio das funções de ensinar e aprender e como suas ações interventivas, abordagem sistêmica e estudos epistemológicos podem ajudar o aprendiz a vencer obstáculos que o impedem de progredir intelectualmente. Abordar as características da atuação da psicopedagogia no ambiente escolar e como seu auxílio pode contribuir no desenvolvimento e construção do conhecimento humano. Diferente do que muitos imaginam a psicopedagogia não estão associadas apenas as dificuldades de aprendizado, mas a todo processo de aquisição do conhecimento do ser humano. A psicopedagogia institucional possui caráter preventivo no campo da aprendizagem, atua através de atitudes que promovam apropriação do saber ao sujeito por meio de práticas que facilitem os processos de aprendizagem, além de colaborar nas práxis pedagógicas em sincronismo com os professores.

Palavras Chave: Psicopedagogia. Ensinar. Aprendizagem. Práticas.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Associação Brasileira de Psicopedagogia:

"A Psicopedagogia é um campo de atuação em Educação e Saúde, que se ocupa do processo de aprendizagem, considerando o sujeito, a família, a escola, a sociedade e o contexto sócio histórico, utilizando procedimentos próprios, fundamentos em diferentes referenciais teóricos".

Diferente do que muitos imaginam a psicopedagogia não está associada apenas as dificuldades de aprendizado, mas a todo processo de aquisição do conhecimento do ser humano. A psicopedagogia institucional possui caráter preventivo no campo da aprendizagem, atua através de atitudes que promovam apropriação do saber ao sujeito por meio de práticas que facilitem os processos de aprendizagem, além de colaborar nas práxis pedagógicas em sincronismo com os professores.

O atendimento psicopedagógico institucional na escola, geralmente ocorre em grupos, por alunos da mesma faixa etária e tem como meta melhorar o desempenho escolar dos mesmos, visando potencializar suas competências e habilidades por meio de intervenções psicopedagógicos adequadas a estes, entendendo, portanto, que a aprendizagem é um processo contínuo, e esse processo necessitam de profissionais qualificados e um ambiente apropriado e oportuno para que essa aprendizagem ocorra naturalmente.

A intervenção psicopedagógico tem como intenção executar estratégias que facilitem a solucionar os problemas de aprendizagem, seja eles por motivação orgânica ou ambiental e estabelecer conexão a praxe docente, utilizando-se de uma relação interpessoal de maneira transversal, isto é, elaborar um trabalho em conjunto que pressupõe da coparticipação dos profissionais da educação, da família do aluno de forma integradora.

Aprender envolve o interesse, vontade e desejo e o psicopedagogo é aquele profissional que busca o despertar o desejo do saber no sujeito aprendente e para tanto se faz necessário direcionar-se para a singularidade de cada indivíduo, propor desafios capazes de desempenhar a superação das dificuldades que possam interromper o percurso acadêmico dos discentes.

O psicopedagogo deve incentivar o sujeito a obter prazer e curiosidade em aprender e propor um procedimento único para cada caso em especial, de acordo com suas especificidades, uma vez que, cada pessoa aprende de modo diferente e por isto, é imprescindível que haja conteúdos diversificados, atividades individualizadas e variados modelos de aprendizagem para estimular o conhecer em uma parte de estudantes que não aprendem do jeito tradicional.

1. A PSICOPEDAGOGIA NA ESCOLA

A Psicopedagogia, na instituição escolar tem uma função preventiva, sua ação é interdisciplinar e dedica-se a áreas relacionadas ao planejamento educacional e assessoramento pedagógico, colaboração nos planos educacionais e lúdicos no âmbito dessas organizações, numa modalidade cujo caráter é clínico institucional, através de diagnóstico e propostas operacionais convenientes. Sobre o fazer psicopedagógico institucional, ocorre dentro do estabelecimento de ensino, nas relações estabelecidas entre professor e o aluno, entre o currículo, programas e conteúdo, e com o grupo social escolar. Esta visão propõe o embasamento, no modelo sistemático, onde as relações são de grande importância.

(BASSEADAS, 1996).

Para Weiss (1997), o fazer psicopedagógico transforma, podendo se tornar numa

ferramenta poderosa para a aprendizagem do aluno, pois amplia e viabiliza os recursos que atendem a necessidade e as características da aprendizagem.

O objeto de estudo da Psicopedagogia institucional é o sujeito em situação de aprendizagem e o processo de ensino-aprendizagem em si. O conhecimento implica no ato de conhecer e de pensar, e se diferencia de acordo com o seu portador. (FERNÁNDEZ, 2001). Segundo Vygotsky, a ato de aprender recebe a influência do ambiente e neste contexto, para a psicopedagogia é primordial valorizar o conhecimento prévio da criança, seus numerosos saberes e favorecer suas múltiplas potencialidades.

A instituição deve, acima de tudo, ensinar o aluno a pensar. É importante considerar que a escola deve valorizar os muitos saberes do aluno, e que seja oportunizado a ele demonstrar suas reais potencialidades. A escola tem valorizado apenas o conhecimento verbal e matemático, deixando de fora tantos conhecimentos importantes para formação pessoal, intelectual e moral do aprendiz (LUCKESI, 1994).

2. A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

O olhar e a escuta Psicopedagógico deverá ter como objetivo verificar como o aluno está aprendendo e o que possivelmente está dificultando o seu desenvolvimento cognitivo. Para que se possa compreender qual o tipo de problema existente é necessário que o psicopedagogo esteja atento, buscando todas as pistas presumíveis e para tanto, se faz necessário analisar o problema de aprendizagem durante o diagnóstico psi-

copedagógico e só assim se pode intervir de maneira adequada. Para dar os devidos encaminhamentos, o profissional precisa realizar um estudo aprofundado acerca de todas as informações que o diagnóstico lhe proporcionou. (WEISS, 2003).

Observação: é necessário que haja intervenção conforme as características dos problemas apresentados pelas crianças, respeitando suas individualidades.

É importante que o psicopedagogo atue por meio de um olhar multidisciplinar através de um trabalho com equipes provenientes da educação e da saúde. A possibilidade de ampliar a percepção como outros especialistas, permite uma intervenção mais eficaz. A intervenção psicopedagógico inclui os pais no processo, através de reuniões e trabalhos realizados junto aos professores.

Segundo Bossa (2000), a presença de um psicopedagogo no contexto escolar é

fundamental, ou seja, este tem um papel significativo na escola. A sua intervenção inclui:

• orientar os pais;

• auxiliar os educadores e consequentemente a toda comunidade aprendiz

• buscar instituições parceiras (envolvimento com toda a sociedade);

• colaborar no desenvolvimento de projetos (Oficinas psicopedagógicas);

• acompanhar a implementação e implantação de nova proposta metodológica de ensino;

• promover encontros socializadores entre corpo docente, discente, coordenadores, corpo

administrativo e de apoio e dirigentes.

3. O ATENDIMENTO CLÍNICO E A EDUCAÇÃO INFANTIL

No início, dê a criança apenas o modelo de como se executa. Conversar sempre com a criança sobre o que foi sentido, sobre as suas impressões a respeito dos movimentos executados, sempre que o exercício permitir orientar a criança a fazê-lo de olhos fechados, favorecendo, assim, a interiorização do que foi vivido, exigindo maior atenção e concentração. É importante que quando realizado um exercício, devemos elogiar a todas as crianças igualmente, pois aquelas que não atingiram o objetivo do exercício e que não foram elogiadas podem levá-las a um estado de ansiedade e frustração.

Os conceitos espaciais: direita, esquerda, atrás, na frente, entre, perto, longe, maior, menor são vivenciados através de movimentos específicos. A partir daí, propomos exercícios com maior intensidade. Coloca-se a medição de um raciocínio, de uma reflexão sobre os dados vivenciados no primeiro nível. Dessa forma, permite a criança passar para a etapa de estruturação temporal requerida para o aprendizado da leitura e da escrita.

A Psicomotricidade, composta numa unidade dinâmica entre Educação, Reeducação e Terapia Psicomotora que interatuam de forma integrada ao centro da vida emocional e efetiva do ser humano, fundamenta-se na comunicação global. Procura harmonizar o comportamento humano sob o enfoque do movimento e da linguagem, meios pelos quais as pessoas se comunicam entre si e transformam o mundo que as envolvem.

Como ação educativa a Psicomotricidade, por meio da Educação Psicomotora, é essencialmente plástica e envolvente, sendo considerada por Barros (1992), como "a alma do movimento" aquilo que não se vê não se toca, porém se sente. A educação psicomotora tem por objetivo permitir à criança viver em harmonia com seu corpo, com os outros e com o ambiente envolvente.

A educação psicomotora possibilita uma formação de base indispensável a toda criança, pois assegura o desenvolvimento funcional, tendo em conta possibilidades da criança e ajudar sua afetividade a expandir-se e a equilibrar-se por meio do intercâmbio entre o meio no qual se encontra inserida. A terapia psicomotora refere-se, particularmente, a todos os Casos-problemas em que a dimensão afetiva parece dominante na instalação inicial do transtorno. Pode estar associada à educação psicomotora ou se continuar com ela.

Os transtornos do desenvolvimento psicomotor são muito difíceis de definir. Refletem sempre alterações que afetam vários aspectos do desenvolvimento da criança; daí a importância de intervir o quanto antes, pois o transtorno pode repercutir negativamente em outras áreas, agravando e comprometendo todo o desenvolvimento da criança.

Quando pensamos em uma possibilidade de avaliação psicomotora, temos que ter em mente que não estamos nos referindo a uma forma de classificar a criança, mas sim estamos buscando uma alternativa, uma possibilidade que auxilie a criança, principalmente, aquela no início de sua vida escolar, a conseguir alternativas que colaborem durante esse processo, que permitam que o aprendizado ocorra de forma significativa, mas acima de tudo prazerosa, que o ato de aprender não seja um momento de sacrifício e esforço extremo, mas sim um momento no qual há uma interação e um entendimento acerca do universo que a cerca.

O Psicomotricista é o profissional que age na interface saúde, educação e cultura, avaliando, prevenindo, cuidando e pesquisando o indivíduo na relação com o ambiente

e processos de desenvolvimento, tendo por objetivo atuar nas dimensões do esquema e da imagem corporal em conformidade com o movimento, a afetividade e a cognição.

Cabe ao psicomotricista decifrar a linguagem lúdico-corporal da criança. Não emitir juízo de valor, não reprimir, não culpar, não punir, apenas deixar que os sentimentos fluíssem, naturalmente, oportunizando a expressão simbólica, para que a criança possa, através do prazer de brincar, descarregar suas tensões e elaborar seus conflitos.

Quando uma criança não consegue se expressar, aparecem angústias e distúrbios psicossomáticos. Ela necessita de um espaço para exteriorizar sentimentos e emoções. A ordem é comunicação corporal e o Psicomotricista se posiciona como um parceiro simbólico na convivência com as crianças, permitindo-lhe decodificar as suas reações e as suas relações com a vida.

A nova lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei nos 9394) - LDB - promulgada em dezembro de 1996, reconhece a necessidade de que a educação promova a integração entre os aspectos físicos, emocionais, cognitivos sociais da criança.No Art. 29 do capítulo sobre Educação Básica, seção II, a educação infantil é vista como "(...) a primeira etapa básica, que tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade em seus aspectos físico, psicológico e social, complementando a ação da família e da comunidade".

Os avanços nas teorias do desenvolvimento infantil forneceram uma nova imagem da primeira infância e de suas necessidades, evidenciando os aspectos cognitivos do desenvolvimento, ou seja, estratégias que guiam o desenvolvimento de competências cognitivas e os aspectos relacionais/afetivos que promovem processos perceptivos e de pensamento. Estes estudos revelaram também a relação entre a necessidade da criança em explorar livremente o meio ao seu redor, e a segurança afetiva dada pelo adulto a sua volta.

A socialização, a autonomia e a capacitação de construir o mundo explorando-o são aspectos desta imagem da primeira infância e também objetivos educacionais. Desta forma, existe uma especificidade da educação infantil, na qual há necessidades da criança a serem respeitadas e satisfeitas e competências a serem fornecidas e incentivadas.

Na educação infantil, as estratégias que orientam a ação do adulto devem promover e facilitar as experiências da criança, procurando aprofundar e articular suas atividades produtivas como, por exemplo, o rabisco, as histórias construídas livremente, as atividades motoras, identificando situações inéditas que possam incentivá-la a explorar e a transformar seu ambiente. Como a Psicopedagogia é uma teoria e uma prática que se ocupa da aprendizagem humana em qualquer faixa etária, entendemos que ela pode ajudar os profissionais da educação e perceber os pais como seres em processo de aprendizagem, assim como os seus filhos, cabendo à escola o gerenciamento dessa aprendizagem acerca de como gerir a vida escolar de seus filhos.

A intervenção psicopedagógico também se propõe a incluir os pais no processo, por intermédio de reuniões, possibilitando o acompanhamento do trabalho realizado junto aos professores.

4. A EDUCAÇÃO PSICOMOTORA

A educação psicomotora está direcionada em atuar no âmbito escolar, visando o desenvolvimento global do indivíduo por meio dos movimentos, auxiliando na prevenção de distúrbios de aprendizagem, exercitando a estimulação precoce e proporcionando as vivências corporais, desafiando zonas de desenvolvimento do esquema corporal.

Nessa dimensão, a Psicomotricidade atua constituindo a base de sustentação do corpo como origem da aquisição cognitiva, afetiva, orgânica ou movimento, intelecto e afeto.

O processo de desenvolvimento humano está ligado ao corpo em movimento e a mente. O movimento é a parte mais ampla e significativa do comportamento humano, é comandado através de três fatores básicos: os músculos, a emoção e os nervos, que formam um sistema de sinalizações que permite atuar de forma coordenada e sincronizada.

A mente transmite sinais aos músculos através de mecanismos cerebrais, que ordenam para o controle da contínua atividade de movimento e específica finalidade da capacidade de equilíbrio e segurança as posições estáticas, que constituem as estruturas psicomotoras da unidade básica do movimento.

Aos poucos, esse corpo em movimento forma um organismo bem estruturado, expressando desejo, prazer, emoções e, posteriormente, a linguagem. Esse processo reproduz situações reais de vivência dos elementos psicomotores que se transformam em significado da representação corporal, isto é, quando inexiste deficiências orgânicas que podem condicionar ou dificultar esse processo.

Dessa forma, o organismo constitui a infraestrutura neurofisiológica de todas as coordenações do desenvolvimento psicomotor e cognitivo do indivíduo. Nesse sentido a prática não se dá apenas por observação e análises de comportamentos, mas fundamentalmente por intermédio das intervenções e interações dos professores com as crianças.

O foco da implementação pedagógica está na instrumentalização das práxis do professor; para isto optou-se pela realização de oficinas que contemplem atividades práticas envolvendo jogos individuais e coletivos que possibilitem o desenvolvimento das funções psicológicas superiores dos alunos, tais como: memória, atenção, concentração, raciocínio entre outras.

Para Boulch (1986, p.25),

A educação psicomotora deve ser uma considerada como uma educação de base. Ela condiciona todos os aprendizados escolares, levando o sujeito a tomar consciência de seu corpo, da lateralidade, situar-se no espaço, a dominar o tempo, a adquirir habilmente a coordenação de seus gestos. A educação psicomotora deve ser praticada. A educação psicomotora deve ser considerada como uma educação de desde a mais tenra idade, conduzida com perseverança permite prevenir inadaptações, difíceis de corrigir quando já estruturadas.

Os transtornos do desenvolvimento psicomotor são muito difíceis de definir. Refletem sempre alterações que afetam vários aspectos do desenvolvimento da criança; daí a importância de intervir o quanto antes, pois o transtorno pode repercutir negativamente em outras áreas, agravando e comprometendo todo o desenvolvimento da criança.

Quando pensamos em uma possibilidade de avaliação psicomotora, temos que ter em mente que não estamos nos referindo a uma forma de classificar a criança, mas sim estamos buscando uma alternativa, uma possibilidade que auxilie a criança, principalmente, aquela no início de sua vida escolar, a conseguir alternativas que colaborem durante esse processo, que permitam que o aprendizado ocorra de forma significativa, mas acima de tudo prazerosa, que o ato de aprender não seja um momento de sacrifício e esforço extremo, mas sim um momento no qual há uma interação e um entendimento acerca do universo que a cerca.

O Psicomotricista é o profissional que age na interface saúde, educação e cultura, avaliando, prevenindo, cuidando e pesquisando o indivíduo na relação com o ambiente e processos de desenvolvimento, tendo por objetivo atuar nas dimensões do esquema e da imagem corporal em conformidade com o movimento, a afetividade e a cognição.

Cabe ao psicomotricista decifrar a linguagem lúdico-corporal da criança. Não emitir juízo de valor, não reprimir, não culpar, não punir, apenas deixar que os sentimentos fluíssem, naturalmente, oportunizando a expressão simbólica, para que a criança possa, através do prazer de brincar, descarregar suas tensões e elaborar seus conflitos.

Quando uma criança não consegue se expressar, aparecem angústias e distúrbios psicossomáticos. Ela necessita de um espaço para exteriorizar sentimentos e emoções. A ordem é comunicação corporal e o Psicomotricista se posiciona como um parceiro simbólico na convivência com as crianças, permitindo-lhe decodificar as suas reações e as suas relações com a vida.

A nova lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei nos 9394) - LDB - promulgada em dezembro de 1996, reconhece a necessidade de que a educação promova a integração entre os aspectos físicos, emocionais, cognitivos sociais da criança.No Art. 29 do capítulo sobre Educação Básica, seção II, a educação infantil é vista como "(...) a primeira etapa básica, que tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade em seus aspectos físico, psicológico e social, complementando a ação da família e da comunidade".

Os avanços nas teorias do desenvolvimento infantil forneceram uma nova imagem da primeira infância e de suas necessidades, evidenciando os aspectos cognitivos do desenvolvimento, ou seja, estratégias que guiam o desenvolvimento de competências cognitivas e os aspectos relacionais e afetivos que promovem processos perceptivos e de pensamento. Estes estudos revelaram também a relação entre a necessidade da criança em explorar livremente o meio ao seu redor, e a segurança afetiva dada pelo adulto a sua volta.

A socialização, a autonomia e a capacitação de construir o mundo explorando-o são aspectos desta imagem da primeira infância e também objetivos educacionais. Desta forma, existe uma especificidade da educação infantil, na qual há necessidades da criança a serem respeitadas e satisfeitas e competências a serem fornecidas e incentivadas.

Na educação infantil, as estratégias que orientam a ação do adulto devem promover e facilitar as experiências da criança, procurando aprofundar e articular suas atividades produtivas como, por exemplo, o rabisco, as histórias construídas livremente, as atividades motoras, identificando situações inéditas que possam incentivá-la a explorar e a transformar seu ambiente.

A Prática Psicomotora tem uma filosofia de cuidado e respeito à pessoa, entendendo que cuidar é mais que um ato; é uma atitude e, portanto, abrange mais que um momento de atenção. "Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro." E respeitar, aceitar e receber com sensibilidade a expressividade da criança em sua forma, conteúdo e sentido, sem julgamento ou preconceito.

Portanto, o que se espera é que o psicomotricista esteja preparado para a escuta do outro, pois deve compreender e considerar que todas as manifestações da criança -

suas ações e comportamentos, suas brincadeiras e jogos, sua linguagem e expressões gráficas são atualizações de um vivido de prazer e/ou desprazer, caracterizando a expressão de sua história.

A partir dessa escuta e compreensão, o psicomotricista acolherá as produções da criança, acompanhando-a assim em seu processo de maturação, ou ajudando-a a reencontrar, quando necessário, uma dinâmica de prazer, geradora do desejo de existir.

Para que a Prática Psicomotora Educativa possa ter seu lugar de atuação dentro da escola, é fundamental que a criança seja olhada em sua totalidade e que lhe seja oferecido um espaço de confiança e liberdade de expressão.

O psicomotricista, assim como os demais profissionais da escola, que acompanham a criança no seu desenvolvimento deve ter uma atitude de acolhimento e respeito num ambiente de liberdade e segurança, ou seja, com limites claros e seguros. Ele deve estar atento às suas próprias reações tônico-emocionais, ajustando-se a cada situação vivida pelo grupo, sem perder sua identidade, porém mantendo-se firme em seu papel de autoridade, sem que para isso tenha que ameaçar ou culpar a criança.

Desta forma, a criança sentir-se-á segura e o profissional poderá seguir seu objetivo, favorecendo a maturação psicológica da criança através do retorno, por uma via indireta, à sensória-motricidade, norteada pelo prazer de agir, expressão dos afetos e dos conteúdos fantasmáticos e cognitivos.

Caberá também ao psicomotricista organizar dentro da Instituição Escolar um quadro claro e coerente para o trabalho - espaço, tempo e sistema de atitudes -, de modo que isto aconteça de forma produtiva e sem confusões para a criança ou outros profissionais da Instituição. O espaço deve ser amplo, claro, marcado por uma atmosfera de bem-estar onde todos possam se sentir bem, acolhidos, com prazer em ali permanecerem, além de possuir material e disposição adequados.

O tempo de duração de cada sessão, a organização do tempo e a regularidade dos atendimentos devem se manter constantes - variando em função da faixa etária -, dando segurança à criança e contribuindo para seu desenvolvimento harmonioso.

O quadro da Prática Psicomotora educativa é para a criança um lugar de trabalho em grupo; lugar da sensória-motricidade, onde ela experimentará o prazer através do movimento; lugar da expressividade motora, onde será ouvida e reconhecida em sua maneira de ser original e singular no mundo; lugar de comunicação verbal e não verbal; lugar de construções simbólicas; lugar de desejo, aonde a criança vai com alegria e deseja retornar; enfim, um lugar onde ela poderá se projetar num espaço acolhedor e seguro.

Para o psicomotricista é, também, um lugar de observação do processo de maturação da criança, de suas possibilidades e/ou dificuldades motoras, comportamentais, de representação e comunicação; lugar de possíveis intervenções em suas produções para fazê-la evoluir; lugar de acolhimento - tônico, gestual, postural e emocional -, que favoreçam o seu desabrochar.

Para os professores, o quadro da Prática Psicomotora é um lugar de conhecimento e troca sobre a criança, seu desenvolvimento e suas possibilidades pedagógicas; e sobre o grupo/turma, suas interações, seus interesses, seus caminhos de evolução.

Para a instituição, pode ser um lugar a partir do qual surjam reflexões e discussões sobre a prática pedagógica, sua metodologia, filosofia e coerência.

Entretanto, este trabalho se mantém dentro do contexto escolar, o que o diferencia, completamente, da terapia psicomotora. Nesta abordagem, todos os princípios da Prática Psicomotora educativa permanecem válidos, mas o psicomotricista intensifica seu engajamento tônico-emocional com o grupo durante as "brincadeiras de reasseguramento".

Para esta modalidade de trabalho são formados pequenos grupos de crianças. Os pais também participam deste processo, sendo recebidos, regularmente, pelo psicomotricista ou por outro profissional especializado, visando a um acolhimento e a uma abertura para um "espaço de palavra", possibilitando-lhes falar de suas dúvidas, preocupações e atitudes frente à criança.

A psicomotricidade marca seu lugar como ciência da educação e da saúde, pois trabalha o corpo de um sujeito que age sobre o mundo, numa relação dialética de transformação, cuja origem se funda no período de 0 a 7 anos, marcado por uma fusão/dependência inicial e uma autonomia crescente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Psicopedagogia surgiu da necessidade de uma melhor compreensão e entendimento do processo de aprendizagem, comprometendo-se assim co a transformação da realidade escolar, possibilitando dinâmica em sala de aula, contemplar e melhorar a interdisciplinaridade, juntamente co outros profissionais da escola.

O Psicopedagogo estimula o desenvolvimento de relações interpessoais, o estabelecimento de vínculos, a utilização de métodos de ensino compatíveis com as mais recentes concepções a respeito desse processo. Procura envolver a equipe escolar, ajudando-a a ampliar o olhar em torno do aluno e os obstáculos que se impõem ao pleno do-